

FERREIRA, Luiz Antonio. “As obras de Erving Goffman e suas contribuições teóricas para a etnografia de sociabilidades e culturas emotivas e para a Antropologia das Emoções – uma resenha”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 243-245, abril de 2020, ISSN 1676-8965.

RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

As obras de Erving Goffman e suas contribuições teóricas para a etnografia de sociabilidades e culturas emotivas e para a Antropologia das Emoções – uma resenha

Erving Goffman's works and his theoretical contributions to the ethnography of sociability and emotive cultures and to the Anthropology of Emotions - a review

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. *Erving Goffman - reflexões etnográficas desde a Antropologia das Emoções*. Coleção Cadernos do GREM n. 14. Recife/João Pessoa: Bagaço/Edições do GREM, 2019.

A obra “Erving Goffman - Reflexões etnográficas desde a Antropologia das Emoções”, escrita pelos autores Mauro Koury e Raoni Barbosa, tem como base os trabalhos de Erving Goffman, que, segundo os autores, tinha um vasto interesse por vários objetos de estudos. Mas Koury e Barbosa salientam no livro as análises de Goffman sobre a construção do Eu social dentro de um contexto moral e emocional: a tensão entre cultura, indivíduo e sociedade. Para além dessas análises de Goffman (representante da microssociologia), são de interesses dos autores os escritos de Goffman sobre como ele enxergava as relações sociais (como algo dinâmico, que muda de acordo com os atores e agentes sociais exercendo diferentes papéis) e também a abordagem qualitativa da interação simbólica, tão inovadora dentro das Ciências Sociais, e sobretudo, a forma densa de se fazer etnografias.

Os autores se apropriam de vários conceitos de Goffman para a realização de sua obra, como, por exemplo, do conceito de *fachada* (aquilo que os atores e agentes sociais perante uma interação face a face tentam dar a parecer ao mostrarem-se), e o tensionam com base em conceitos próprios, como o de cultura emotiva, que é compreendida como sendo um guia para o comportamento dos atores e agentes sociais em uma interação social, mas que também é compreendido como um lugar de pertença e ao mesmo tempo de medo e envergonhamento para os indivíduos sociais em redes de interação simbólica.

A obra aqui resenhada se divide em cinco capítulos, em que os autores expõem etnografias sobre sociabilidades urbanas, emoções específicas e a cultura emotiva que cercam determinados indivíduos, ou seja, colocam em voga uma Antropologia das Emoções embasada pelos escritos de Erving Goffman. Antes de relacionar a teoria de Erving Goffman com as etnografias, Barbosa e Koury discutem, no primeiro capítulo, o fenômeno social e individual do fracasso, da vergonha e de outros sentimentos sob a ótica goffminiana. Os autores afirmam que os indivíduos interagem de modo a tentarem sempre evitar o constrangimento, a vergonha. Esse cuidado com a manutenção de uma normalidade normativa é um dos pilares que

sustenta a interação social cotidiana. Os autores ressaltam, nesse sentido, que essas interações simbólicas podem sofrer turbulências e imprevistos: os indivíduos podem romper com suas fachadas, por exemplo. A interação constitui um processo social sempre tenso e permeada por riscos de desentendimentos, desencontros, mal entendidos, manipulações, assimetrias comunicacionais, blefes, erros de tradução e equívocos.

Após mais imersão nos conceitos do teórico Erving Goffman, os autores iniciam uma relação das teorias de sociólogo com algumas etnografias: sendo elas sobre um bairro periférico na cidade de João Pessoa (PB) e outra sobre o processo de *punição* em uma autoescola, também localizada na Paraíba. A etnografia utilizada pelos autores se debruça sobre o bairro Varjão/Rangel na cidade de João Pessoa. Esse bairro é caracterizado pela cidade e pelos próprios moradores como sendo violento e possui dois nomes, sendo um deles oficial e o outro oficioso, porque carrega sobre si um acentuado estigma de lugar problemático e ainda por civilizar. Rangel refere-se ao sentimento de pertença que os moradores têm pelo bairro e o nomeiam assim de forma orgulhosa; e Varjão refere-se a um sentimento de depreciação, a essa forma de estigmatizar e menosprezar o lugar e as pessoas que o constroem. Na etnografia, os autores relatam que, com a urbanização e com a conseqüente chegada de estranhos no bairro do Varjão/Rangel, se desfez a dinâmica de pessoalidade mais intensa e também o sentimento de pertencimento a um lugar mais tradicional que os moradores do bairro tinham pelo lugar. Os moradores passam a submeterem-se a um processo cada vez mais amplo de *privatização das emoções*, em que a formação dos selves paulatinamente se distancia de instâncias socializadoras e se aproxima de códigos morais e emocionais mais individualistas, de desempenho e mérito individual e de afirmação de si em relações mercantis.

Os etnógrafos Koury e Barbosa, - assim como sugere Goffman e outros antropólogos, - se envolveram na vida dos moradores do bairro do Varjão/Rangel, possibilitando que ele compreendesse como determinadas emoções e posturas morais e comportamentais estavam presentes na vida das pessoas: o silêncio, a vergonha, o medo cotidiano devido a violência, a fofoca e ao mesmo tempo a confiança.

Relacionando mais uma vez a etnografia com a lógica teórico-metodológica de Erving Goffman, os autores afirmam que no bairro sob análise há um exercício constante dos moradores em apontar o outro como errado, fofoqueiro, como aquele que deprecia a imagem do bairro. As pessoas tentam manter as suas fachadas de pessoas de caráter, honestas, usando do recurso estratégico da desidentificação oportuna com a fachada coletiva estigmatizada do bairro. Apesar desse conflito, desse medo da fofoca e da intriga que põe em risco as fachadas, percebe-se que a amizade e a cooperação auxiliam na amenização dos conflitos, resguardando o sentimento de pertencimento.

A outra etnografia apresentada no livro aborda o curso de reciclagem do Departamento de Trânsito do Estado para quem cometeu infrações no trânsito. Os autores, assim, etnograficamente discutem as dinâmicas sociais em uma prisão institucional leve, onde os processos de sanção são considerados teoricamente levando-se em conta conceitos de Erving Goffman de vergonha e de humilhação e, também, a sua noção de *marca*, o otário da relação. A própria etnografia, segundo os autores, se deu com uma abordagem teórico-metodológica simbólico-interacionista e com forte influência da Antropologia das Emoções e da leitura assídua da obra de Erving Goffman.

Quando se fala em prisão institucional leve é porque os infratores eram vigiados por câmeras e passavam por uma biometria, uma “humilhação biométrica”. Reflete-se, então, que essa proposta de reciclagem utilizava a vergonha como uma emoção que causaria uma disciplina no indivíduo infrator. E, para além destes, a situação a qual os infratores são expostos, além da biometria, da vigilância por câmeras, são também obrigados a assistir durante horas vídeos com informações básicas sobre o trânsito e escrever textos sobre estas videoaulas. Tal situação leva Koury e Barbosa a discutirem a situação desde as possibilidades conceituais

goffmanianas de marca e de resfriamento do *marca*, pois que, como já aludido, o *marca*, para Erving Goffman, é a mesma coisa que um otário e trouxa. Essas sensações, mais uma vez, acarretam o sentimento de estigmatização do indivíduo e de envergonhamento.

Tendo em vista a extensa revisão dos conceitos e das teorias microssociológicas de Erving Goffman abordada neste Caderno do GREM n° 14, cabe ressaltar o valor teórico-metodológico da relação de etnografias apresentadas com propósito de entender as emoções que permeiam determinadas interações sociais em sociedades complexas contemporâneas, tais como em bairros populares tensionados pelo estigma e pelo medo e em instituições públicas e estatais que tem o poder de imposição de condutas aos atores e agentes sociais. A contribuição de Erving Goffman para o fazer etnográfico e para a Antropologia das Emoções, portanto, resta indubitável.

Luiz Antonio Ferreira

